

AMIGA E AMIGO!

O caderno para a Semana dos Povos Indígenas de 2005 tem, como tema central, a história, a luta e a vida de um povo indígena de Santa Catarina. O nome *Xokleng* foi dado a este povo por não-índios, enquanto *Laklanõ* é o nome que eles dão a si mesmos. *Laklanõ* significa, em sua língua, “gente ligeira”, ou “gente do sol”, ou “povo do sol”.

Para entender melhor o encontro conflituoso, entre colonizadores e indígenas, estamos propondo um desafio especial: pense com seus amigos e amigas, na escola ou na comunidade, sobre a seguinte frase: **“A mesma história tem vários lados, cada lado tem a sua versão, cada versão tem a sua verdade”**. Vale a pena dar uma olhada mais de perto na versão dos *Laklanõ* e na verdade que esta versão tem. Esta reflexão poderá contribuir para a reconciliação mútua e para a justiça.

SEMANA DOS POVOS INDÍGENAS 2005

Coordenação: Conselho de Missão entre Índios - COMIN

Informações: Professores/as e alunos/as Xokleng: Alair Ngamun Patte, Abraão Kovi Patte, Nacau Gakran, Carli Caxias Popo, Genice Fiamoncini, Zilda Pripra, José Cuzugn Ndili, Neuton Calebe Vaipão, Aristides Faustino, Keli Regina Caxias, Berenice Ndili, Vilma Couvi Patte, Maria Kula Patte, Crendo Camlem, Pa. Cledes Markus e Diretora Abigail Benzi

Elaboração: Hans A. Trein, Edla Brinckmann, Maria Dirlane Witt, Cláudio Becker, Valquíria dos Santos, Arteno Spellmeier, Edson Ponick, Valdemar Schultz, Marta Nörnberg da Silva, Ivan Vieira

Diagramação, Ilustrações e Capa: Ivan Vieira

Fotografias: Valfrid Schönrock, Cledes Markus, Frank Tiss

Revisão: João Artur Müller da Silva

Impressão: Con-Texto Gráfica e Editora

Realização: COMIN em parceria com Departamento de Catequese e Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Apoio Financeiro: Igreja Evangélica Luterana da Baviera (ELKB) e Sínodo Centro-Sul-Catarinense

Tiragem: 35 mil exemplares

Sumário

Apresentação	2	Cuidados com a saúde	9
O povo Xokleng	3	Uma escola diferente	10
O desaparecimento dos peixes	3	Pacificação XOKLENG	
A língua como parte		ou resistência LAKLANÕ?	12
da riqueza de um povo	4	Discutir aproximando	16
Alimentação do povo Xokleng	5	Para continuar pensando	17
Bolo de milho verde	6	Economia Xokleng	18
A arte de aprender com a vida	7	Mito Xokleng	22
Para refletir com a turma	8	“Para saber mais”	23

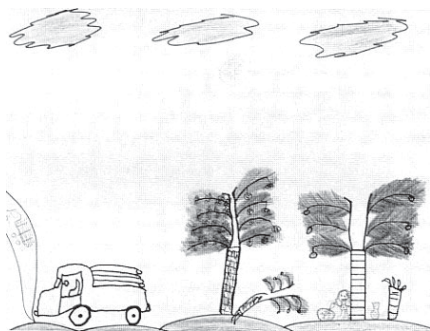
O POVO XOKLENG

Os Xokleng vivem no Vale do Itajaí, situado a leste do estado de Santa Catarina. Nesse vale, encontram-se magníficas cachoeiras, o clima é úmido e, no verão, faz muito calor. Antes da chegada dos colonizadores europeus, o vale era um local rico em pinheirais, lagos com peixes, animais silvestres e uma enorme variedade de frutas e plantas.

Com a chegada dos colonizadores, iniciou o sofrimento e a extinção desse povo. Verdadeiras batalhas e chacinas aconteceram entre índios e não índios, em função da posse das terras. Em 1904, aconteceu um massacre que matou 230 índios, na maioria mulheres e crianças, provocando medo, desespero e fome entre os Xokleng.

A exploração da madeira, por madeireiros, deixou os Xokleng na miséria. Houve um tempo em que funcionaram mais de 40 madeireiras, trabalhando noite e dia. O resultado do desmatamento foi a destruição dos enormes pinheirais. Sem a mata, também os animais desapareceram da região. Com isso, o povo ficou sem o pinhão, peixes e frutos que eram seu principal alimento.

Atualmente, vivem em torno de 1750 índios na terra indígena de Laklanõ.



Jussara Ndilli Monçonãm

O DESAPARECIMENTO DOS PEIXES

A história abaixo foi contada por um menino Xokleng. Ela expressa a saudade do passado, quando era possível pescar e comer muito peixe.

Antigamente, quando era pequenino, me lembro que, um dia vovô e eu fomos pescar de facão pela beirada do rio.

Naquele dia nós matamos muitos peixes, traíras e também cascudos, porque o rio era bem raso. Agora é bem fundo.

Por isso não tem mais peixes no rio, quando os brancos vieram, acabaram com eles.

Fizeram a barragem e assim os peixes foram embora, procurar outro lugar mais raso do rio.

Agora, nós ficamos na saudade e com vontade de comer peixe.



Texto extraído do livro, Nosso Idioma Reviveu, p.23

A LÍNGUA COMO PARTE DA RIQUEZA DE UM POVO

Substitua os símbolos pelas letras e descubra algumas informações importantes sobre a vida dos Xokleng.

A U G L N Í X O K E N B Á R P F S J Ê M I D C Ç Ã
 □ ∅ £ # Đ ± ⊗ ◇ ✱ ★ 人 & ㄥ ∪ ▲ ❁ ❂ 上 ☆)(⌘ ☿ ∩ ∪ 丩

- A _____ é uma das grandes riquezas de um povo.
 # ± Đ £ ∅ □
- Sabendo disso, os _____ estão fazendo um importante trabalho de revitalização da sua língua e da sua cultura.
 ⊗ ◇ ✱ # ★ 人 £
- _____, índio Xokleng, incentivado pelos idosos do seu povo e orientado por estudiosos das línguas, começou a dedicar-se ao estudo da língua de seu povo.
 人 □ 人 & # ㄥ £ ∪ □ ✱ □ Đ
- Bem preparados, os _____ Xokleng ensinam, além do português, a língua Xokleng.
 ▲ ∪ ◇ ❁ ★ ❂ ❂ ◇ ∪ ★ ❂
- A língua Xokleng pertence à família lingüística _____ e ainda é falada por grande parte do seu povo, resistindo ao contato com o mundo branco.
 上 ☆
- Com a migração para a cidade, as _____ indígenas passam a estudar nas escolas do município, e deixam de aprender a língua Xokleng.
 ∩ ∪ ⌘ □ Đ ∪ □ ❂



Valdfrid Schönrock/ Arquivo Comin



Veja uma pequena amostra da língua do povo Xokleng.

Eloizabel Vakla Cabral

A CUTIA



Revitalização:
 que dá nova vida,
 que revigora.

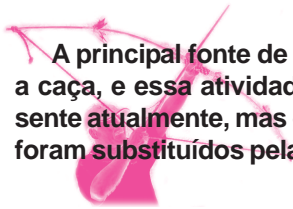
A cutia é muito bonita, mora na gruta das pedras.
 Ela gosta de comer milho;
 e quando acha, leva para seus filhotes comerem juntos.

ALIMENTAÇÃO DO POVO XOKLENG

A professora Xokleng Genice escreve sobre as mudanças que ocorreram na alimentação. Ela também conta o que o povo Xokleng preserva até os dias atuais.

Os Xokleng, antigamente, não tinham hora para alimentar-se e sua alimentação era tirada diretamente da natureza: animais, peixes, raízes e frutos.

A principal fonte de alimentação era a caça, e essa atividade continua presente atualmente, mas o arco e a flecha foram substituídos pela espingarda.



Os Xokleng continuam protegendo os animais silvestres. O veado, a capivara, a cutia e o tatu não são caçados.

Hoje as frutas nativas colhidas da natureza são poucas.



As que existem são protegidas pela comunidade. Algumas árvores frutíferas são cultiva-

das para consumo próprio, mas muitas frutas são compradas em feiras ou supermercados.

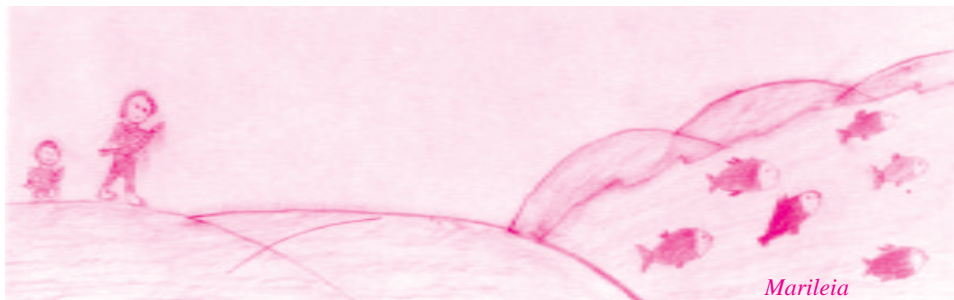
Entre os Xokleng, permanece a cultura do preparo dos alimentos, e todo o trabalho na cozinha é feito pelas mulheres



Valdfrid Schönrock/ Arquivo Comin



Antigamente havia muitos pinheiros, e o pinhão era usado de diferentes formas. Algumas pessoas o assavam em cima do fogo, outras o socavam no pilão e faziam sopa, ou comiam com carne. Hoje precisam comprar o pinhão para comê-lo.



Marileia

Bolo de milho verde

Um dia, eu e minha mãe fomos buscar milho verde na roça para ralar. E trouxemos bastante no balaio.

Minha mãe ralou e fez um bolo na folha de caité. Ela colocou na cinza e quando assou, nós comemos.

Quando o milho está seco, minha mãe torra, soca no pilão, e nós comemos com peixe e carne.

Até agora, a mãe soca milho no pilão.

(GAKRAN, Namblá (Org.). *Nosso Idioma Reviveu*. São Leopoldo: COMIN. p.17)

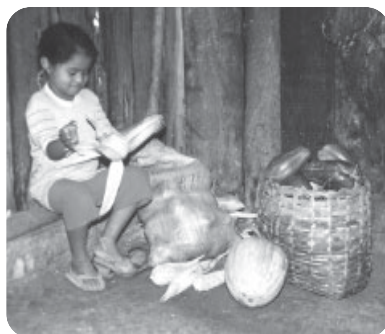
Atualmente, os Xokleng realizam as refeições em horários estabelecidos: Pela manhã, o café, onde é servido pão, bolo, bolacha ou alguma coisa salgada. No almoço, ao meio-dia, a alimentação é variada e come-se carne frita, cozida ou assada, feijão, arroz, macarrão, verduras e a comida tradicional, o tutol. À tarde, costuma-se fazer um lanche, e a janta é variada.

Caité: planta comestível, também chamada de bananeirinha-do-mato.

O tutol é feito de farinha de milho, água e uma pitada de sal. Os ingredientes são colocados numa panela. Deixa-se ferver por dez minutos, mexendo de vez em quando.

As palavras abaixo, à esquerda, são da língua Xokleng. Organize as letras à direita e você encontrará a respectiva palavra em português.

GAL	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	HOILM
KLÉJ	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	ILOPÃ
KAKLO	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	IEXPSE
GOJ	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	IOR	
KABE	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	AEODV
KLÁTXUG	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	UATCI



Valdfrid Schönrock/ Arquivo Comin

Respostas: milho, pilão, rto, veado, cuita

A ARTE DE APRENDER COM A VIDA

Uma das coisas bonitas que podemos aprender com os indígenas é o modo como o conhecimento vai passando de uma geração para a outra. É também na escola da vida que as pessoas vão construindo o seu conhecimento. Um pouco dessa experiência, nós podemos perceber no texto ao lado, escrito por Jussimara Nãmbla.

Quando era pequenina, vi minha vovó fazendo uma panela de argila. Então, pedi para ensinar-me como se faz. Ela me explicou, dizendo:

– Minha filha, primeiro você pega a argila e amassa bem, e faz a panela. Depois de pronta, deixe secar por um tempo.

Quando estiver seca, queime junto com folhas secas de coqueiro. Depois de queimada, alise bem com uma pedrinha, e assim a panela estará pronta para assar.

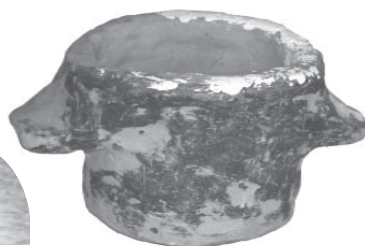
Fiquei muito contente. Agora já sei como fazer panela. Quando crescer e tiver filhos, quero ensinar.

(GAKRAN, Namblá (Org.).

Nosso Idioma Reviveu.

São Leopoldo: COMIN. p.32)

PANELA DE ARGILA



PARA REFLETIR COM A TURMA

Material

- 1/2 kg de argila para cada grupo
- Jornais

Desenvolvimento

- A pessoa que coordena lê o texto abaixo:

Refletindo...

Na história da Jussimara, nós podemos perceber como os saberes vão sendo compartilhados entre os Xokleng.

A panela de argila, descrita na história, lembra-nos que é na panela que se prepara o alimento para o sustento. Entre o povo Xokleng, não é costume acumular bens ou alimentos. Se alguém tem demais divide e partilha com os outros do grupo. As pessoas não-índias podem aprender com os Xokleng o exercício da partilha.

- Formar grupos com até cinco pessoas.
- Cada grupo recebe 1/2 kg de argila e folhas de jornal.
- O grupo molda uma panela com a argila.
- Depois de moldarem a panela, as pessoas refletem sobre o texto que foi lido, fazendo um paralelo entre a partilha exercida entre os Xokleng e a situação de fome que atinge tantas pessoas no Brasil.



- No final, faz-se um grande círculo e cada grupo apresenta a sua panela, colocando-a no centro. Compartilha também a reflexão feita.
- Logo depois, cada pessoa é convidada a dizer uma frase ou uma palavra que expresse um desejo de vida melhor para todas as pessoas.
 - Depois de secas, expor as panelas em diversos lugares da escola. A imagem das panelas pode servir de símbolo para lembrar que a partilha entre o povo Xokleng é um bonito exemplo a ser seguido.



CUIDADOS COM A SAÚDE

Os cuidados com a saúde do povo Xokleng também mudaram. No passado, os casos de doença eram tratados com chás. Para cada tipo de doença, existia um chá específico. Atualmente, os Xokleng continuam valorizando e usando os chás. Cada aldeia tem um agente de saúde, e todo o povo é atendido por médicos que vão às aldeias. Os remédios são comprados com o auxílio do governo.

Família Xokleng – Valdfriid Schönrock/Arquivo Comin



Complete os espaços com o nome das plantas ao lado e descubra para qual doença o seu chá é usado.

_____ : gripe, asma, reumatismo e bronquite.

_____ : calmante e purificador de sangue.

_____ : anemia, tosse, diabete, dor no fígado.

_____ : útero, bexiga e asma.

_____ : calmante e para tirar manchas da pele.

a a _____ : calmante e combate à insônia.

UMA ESCOLA DIFERENTE

Os povos indígenas viveram séculos sem escola. Sua educação se dava em família e na comunidade. Desenvolveram uma forma de passar o seu conhecimento para as próximas gerações, sem a instituição escolar com seus professores, horários de aula e conteúdos concentrados. Mas, a escola está chegando também, como mais uma forma de educação.

A escolarização entre o povo Xokleng iniciou na década de 40 com um professor do Serviço de Proteção aos Índios. A primeira turma tinha em torno de 50 crianças. A intenção era ensinar a ler, escrever, fazer cálculos e re-



passar valores e condutas da sociedade brasileira. Essa escola não era diferenciada e tinha o objetivo de anular a cultura indígena

na e substituí-la pelo que se entendia ser a cultura brasileira.

Na década de 80, os Xokleng participaram do movimento nacional por uma educação escolar diferenciada, que acabou sendo assegurada na Constituição de 1988. Cada povo tem o direito garantido por lei, de organizá-la, tanto em conteúdos como também na forma, de acordo com a sua cultura. Cada povo tem o direito de falar e ensinar a sua língua, de manter e reproduzir suas formas próprias de viver e pensar, seus modos próprios de transmitir conhecimentos. Chama-se isso de Educação Escolar Diferenciada.



A partir daí o idioma xokleng passou a reviver. Na escola, as crianças aprendem a falar e escrever na língua Xokleng e em português. História e arte se estuda a partir do ponto de vista das experiências feitas pelo próprio povo com participação das pessoas idosas. Matemática considera o



Escola Xokleng da Palmeira

jeito de lidar com números, quantidades, adição e multiplicação da própria

cultura. Ciências considera o conhecimento que os Xokleng possuem da natureza e de seu mundo. Os professores/as são Xokleng, ensinam em duas línguas e elaboram o material didático. Tem alguns estudando em universidade e uma pessoa fazendo mestrado em lingüística.

Atualmente temos duas grandes escolas funcionando na Terra Indígena, de 1ª a 8ª série. A educação escolar diferenciada é um espaço para o exercício indígena da autonomia e expressão de sua identidade.



*Cestaria Xokleng
Jovens na Escola “Xokleng”*



PACIFICAÇÃO XOKLENG OU RESISTÊNCIA LAKLANÕ?



A história dos Xokleng vem de longe. Dominavam boa parte da área da floresta situada entre o litoral e a encosta do planalto catarinense, desde as proximidades de Porto Alegre/RS até Curitiba/PR. Atualmente, suas terras localizam-se no Alto Vale do Itajaí.

O contato com os colonizadores provocou o extermínio de grande parte do povo e a desorganização de um sistema harmônico, exigindo ao longo dos anos, a reorganização dos que resistiram. Atualmente fala-se na comemoração dos *90 anos de pacificação*.

Porém, quando conhecemos um pouco da história do povo Xokleng surgem dúvidas quanto a esta pacificação. Afinal, quem foi pacificado, os índios ou os não-índigenas? Vejamos um pouco deste processo ao longo dos 90 anos.



Qual das trilhas leva o indígena até os objetos?

Com a chegada dos colonizadores europeus (alemães, italianos, poloneses, ucranianos) a partir de 1850, os Xokleng perceberam que eram vigiados e que tentavam atraí-los. Logo tiveram acesso a diversos objetos deixados pelos trilhos por onde passavam, como machados, foices, cobertores... deixados pelos não-indígenas – os brancos desconhecidos. Os materiais de ferro logo foram incorporados aos seus instrumentos de caça e de guerra. A aproximação com os colonizadores exigiu dos nativos uma mobilização para defender seus territórios, sendo liderados entre outros por índios Coví e Vomble.

Por volta dos anos 1914, aconteceram contatos mais intensos com os colonizadores, às margens do Rio Itajaí, na foz do Rio Platê, pelo sertanista¹ Eduardo de Lima e Silva Hoerhan (citado como o pacificador) e seu grupo. Com estes contatos pretendia-se reduzir os indígenas a uma determinada área, na Laklanõ. Certa vez, Hoerhan, que falava a língua indígena, atravessou nu e desarmado uma clareira para confraternizar com os Xokleng. Com estas aproximações a pacificação estava dada na imaginação dos não-indígenas. No entanto, para os Laklanõ, eles é que estavam conseguindo amansar os chamados pacificadores. Logo, o poder das armas em conflitos entre os indígenas e os não-indígenas começavam a diminuir. Coví Patté, índio que apertou a mão do branco, certa vez disse:

Meus amigos índios! Assim como eu peguei na mão deste homem branco, assim os filhos dos filhos de vocês irão fazer mais.

¹Sertanista, pessoa que conhece bem o sertão. Indigenista.



Bugreiros e suas vítimas – Acervo SCS in: Sílvio Coelho dos Santos, *Os Índios Xokleng Memória Visual*

No entanto, ainda que dada uma aproximação, a matança de índios pelos bugreiros continuava. Esta prática implantada pelo projeto de colonização reduziu um povo numeroso a cerca de 200 pessoas, na maioria crianças e mulheres.

Bugreiro: caçador de índios; profissão criada pelo projeto colonizador naquela parte da América Latina.

Vejamos o depoimento de um bugreiro sobre a atividade que desenvolvia:

“...pela boca da arma. O assalto se dava ao amanhecer. Primeiro, disparava-se uns tiros. Depois passava-se o resto no fio da facção. O corpo é que nem bananeira, corta macio. Cortavam-se as orelhas. Cada par tinha preço. Às vezes, para mostrar, a gente trazia algumas mulheres e crianças. Tinha que matar todos. Se não, algum sobrevivente fazia vingança. Quando foram acabando, o governo deixou de pagar a gente. A tropa já não tinha como manter as despesas. As companhias de colonização e os colonos pagavam menos. As tropas foram terminando. Ficaram só uns poucos homens, que iam em dois ou três pro mato, caçando e matando esses índios extraviados. Getúlio Vargas já era governo, quando eu fiz uma batida. Usei Winchester. Os índios tavam acampados num grotão. Gastei 24 tiros. Meu companheiro, não sei. Eu atirava bem”.

Esta citação foi retirada do livro Os Índios Xokleng: Memória Visual. Florianópolis: Ed. da UFSC; Ed. da UNIVALE, 1997

Em consequência do projeto colonizador, aos poucos os Xokleng, dizimados em sua maioria, foram deixando seu habitat natural, reforçando um processo de sedentarização, (conforme narrativa de Prof. Carli Caxias Popó):

Existiu um tempo de fartura e de partilha. Tempo em que ao ruído das selvas se misturavam o canto dos guerreiros, o choro das crianças novas e o barulho das construções das aldeias, sem gado e sem cercas. Dois tempos: um onde tudo de bom acontecia, e outro, em que se rompeu o equilíbrio entre as pessoas e a natureza. O templo sagrado das florestas profanado por guerras, machados, cercas, madeireiros, patas de boi, militares, religiosos... Porque existiu um tempo de inocência, agora se conhece e se sofre com o que veio. Por isso, hoje os Xokleng lutam por sua terra, onde estão enterrados seus antepassados, vítimas de massacres, guerras, bu-greiros ou da morte comum. Sonham com a terra coberta de matas. Por isso lutam e aperfeiçoam a *Arte de Resistir*.

No início do século XX, o Serviço de Proteção aos Índios demarcou uma área de 37.000 hectares. Em 1984, a FUNAI – Fundação Nacional do Índio diminuiu a área para 14.000 hectares.

Na década de 1970 foi construído um sistema de barragens para evitar as cheias nas cidades de Blumenau e Itajaí. A Barragem Norte foi construída dentro da Terra Indígena e significou a perda de 90% da área de produção agrícola de feijão, milho, arroz, batata, mandioca...



Discutir aproximando

- Descubra com seus pais ou avós, o que eles sabem ou lembram sobre a colonização, a relação entre indígenas e não-indígenas – será que os Laklanõ contariam esta história da mesma forma?
- Em nossos dias, como não-indígenas e indígenas podem resolver problemas comuns de conflitos por causa de terras, sem que um dos lados seja prejudicado?

JOGO DOS 7 ERROS



Cledes Markus/Arquivo Comin

Pelo jogo dos 7 erros podemos perceber que a realidade pode ser constituída a partir de diferentes pontos de vista. Feito o exercício você saberia determinar qual a fotografia é verdadeira?

- Em pequenos grupos, crie uma encenação resgatando a história (passado), o tempo vivido hoje (presente) e possibilidades de conciliação (futuro). Ao final, refletir sobre as cenas e as impressões dos grupos sobre as discussões e apresentações realizadas.

Para continuar pensando

O exemplo de resistência do povo Laklanõ é um convite para a gente querer saber mais sobre outros povos indígenas. Uma idéia bem legal, seria reunir a turma para pesquisar sobre a vida e a cultura indígena de sua região. Com o resultado da pesquisa, organize uma mostra com o material recolhido. Não esqueça! Fotos, cartazes, pratos típicos e artesanato são recursos bacanas e muito importantes, que podem ajudar a enriquecer ainda mais a mostra de vocês.

**CONTINUE A ESTÓRIA EM QUADRINHOS ABAIXO E CONSTRUA UM FINAL
PARA ESTA PARTIDA DE FUTEBOL**

ECONOMIA XOKLENG

Antigamente o povo indígena Xokleng, era nômade por todo o sul do Brasil, vivendo da coleta de alimentos nativos, principalmente de pinhão, mel, frutos, folhas, caça e pesca, aproveitava tudo aquilo que a mata lhes proporcionava. No entanto, no início do século XX, foi confinado por agentes do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), numa área de 37.000 hectares. Essa foi a primeira intervenção em seu sistema sociocultural e em sua economia de reciprocidade. O que antes era realizado por grupos extensos, sendo a produção e o consumo feitos em regime de cooperação, passou a ser realizado para o sustento próprio de cada família. Entretanto, refizeram-se como pequenos agricultores, produzindo largos excedentes entre as décadas de 1930 a 1970.



Vale lembrar que dos anos 30 aos anos 60 do séc. XX os Xokleng chegaram a ser grandes produtores de milho .

A criação da área indígena pelo SPI não garantiu o direito ao uso exclusivo. Continuaram as invasões e ocupações, acordos com madeireiras e decretos do estado de Santa Catarina, o que significou a diminuição gradativa, e oficial da área. Em 1984, a FUNAI – Fundação Nacional do Índio, órgão que substituiu o SPI, realizou uma nova demarcação – apenas 14 mil hectares. Esta nova ação do governo diminuindo a área indígena, foi a segunda intervenção de impacto na economia do povo Xokleng.



Em meio a este processo, o extinto Departamento Nacional de Obras de Saneamento construía um sistema de barragens com a intenção de evitar as cheias em cidades do médio e baixo Itajaí, principalmente Blumenau e Itajaí. A Barragem Norte, iniciada em 1972 e concluída em 1992, foi construída dentro da Terra Indígena e significou a perda de 90 % da área de produção agrícola de feijão, milho, arroz, batata, mandioca... que entretantes, tinha se tornado o esteio principal da economia indígena. A Barragem Norte, com sua bacia de contenção de 850 hectares, foi a terceira grande intervenção desestruturante da economia e sobrevivência Xokleng.

Com a construção da barragem, sem um estudo de impacto ambiental e sem medidas de indenização ou qualquer projeto de reestruturação da economia indígena, intensificou-se o desmatamento de espécies nativas como cedro, peroba, ipê, canela, sassafrás... A justificativa era de que as águas da barragem cobririam todo solo. Com o desmatamento aconteceu a diminuição significativa da população de animais nativos, como o bugio, a anta, a capivara e o veado. Em época de cheias, a Barragem Norte causa inundações de estradas de acesso à Terra Indígena Laklanõ, o que, além de prejudicar a locomoção dos indígenas também acelera o processo de erosão e desbarrancamento das encostas. As águas, muito profundas e barrentas, ocasionam o desaparecimento do cascudo e da carpa.

CAÇA PALAVRAS: Ache seis palavras relacionadas com a economia Xokleng no quadro abaixo.

q	à	e	r	t	c	o	p	l	e	k	õ	b	ú	n	a	ã	d	e
n	i	l	a	r	t	e	s	a	n	a	t	o	p	w	g	t	m	y
b	w	ó	k	g	u	i	g	à	o	s	i	f	v	d	r	j	a	r
a	ú	y	á	s	h	m	s	h	w	u	d	e	o	à	i	h	w	g
r	f	u	k	ê	s	o	b	r	e	v	i	v	ê	n	c	i	a	o
r	d	s	b	h	à	x	v	ó	m	q	r	p	t	f	u	j	o	z
a	l	é	r	à	w	v	g	z	o	à	j	a	k	g	l	ê	s	v
g	c	ç	u	c	p	f	ã	b	x	r	c	x	v	w	t	l	p	t
e	j	t	d	õ	v	e	f	s	h	y	ã	v	õ	l	u	n	e	c
m	c	o	o	p	e	r	a	ç	ã	o	y	à	h	u	r	y	s	ú
r	y	i	s	u	f	p	o	s	l	r	w	n	a	ç	a	p	c	ó
w	x	h	ã	d	r	v	m	a	x	z	i	d	ú	f	t	s	a	f

Resposta: agricultura, sobrevivência, artesanato, cooperativa, pesca, barragem

Com as perdas de roças, animais e casas provocadas pelos alagamentos, os Xokleng tiveram que subir as encostas dos morros. No entanto, as terras são inadequadas para a prática agrícola por causa da acidez e o declive. Outro problema é que a atividade agrícola realizada nas encostas tem sérios impactos ambientais. Problemas como estes exigiram uma rearticulação da comunidade indígena que começou a fazer diversas reivindicações.

Em 1992, o governo estadual de Santa Catarina assumiu a dívida para com o povo Xokleng, referente aos danos causados pela Barragem Norte. Assinou um protocolo de intenções, relacionando diversas ações compensatórias. A construção de 144 casas, 37 km de estradas e a instalação da rede de energia elétrica até o presente momento não foram suficientes para que os Xokleng pudessem reorganizar a sua economia. Atualmente, eles sobrevivem do feitiço e comercialização de artesanato e da agricultura de subsistência com plantações de milho, feijão, arroz, aipim, abóbora, amendoim, verduras, frutas e criação de pequenos animais: galinhas, patos e porcos.



Valfrid Schönrock/Arquivo Comin

Os Xokleng, em parceria com entidades governamentais e não-governamentais, estão desenvolvendo um programa de etno-sustentabilidade para reorganizar sua economia. Através deste programa pretendem reestruturar a sustentabilidade de toda a comunidade, revitalizar a cultura Xokleng e o meio ambiente da mata atlântica. Desenvolverão plantio de mudas frutíferas, cultivo do mel, plantas ornamentais e agricultura de subsistência.

Desafio aos grupos

Qual é a base da economia em nossa região? Ela guia-se por critérios de desenvolvimento sustentável?

Dica: Esta atividade pode relacionar-se com atividades no Dia Mundial do Meio Ambiente, em 5 de junho.

Enumere os símbolos existentes na onça de acordo com sua representação:

- 1- Reciclável
- 2- Feminino
- 3- Inflamável
- 4- Corrosivo
- 5- Amor
- 6- Radiação
- 7- Masculino
- 8- Resíduo hospitalar

Quantos números sobraram da lista acima?

E quantos símbolos foram localizados na onça pintada?



“Dizem que quando Deus estava criando o mundo, na hora de fazer a onça, pediu auxílio para os Xokleng. Deus pediu que eles pintassem a onça. Assim, um grupo começou a fazer



Desenho de criança Xokleng – Publicação *Nosso Idioma Reviveu*

círculos na onça, outro grupo fez círculos fechados, outro fez traços e os outros restantes fizeram os três símbolos ao mesmo tempo. Desde aquele dia Deus disse que as marcas da onça seriam as marcas do povo Xokleng. Cada grupo ficaria com o símbolo que havia pintado na onça. Nas festas o povo deveria se pintar com o seu símbolo. Os casamentos seriam entre pessoas com marcas diferentes”.

Este mito foi transmitido por Namblá Gakran que ouviu dos avós.



Desenho de criança Xokleng – Publicação *Nosso Idioma Reviveu*

“... PARA SABER MAIS...”

PESQUISA NA INTERNET

Conselho de Missão entre Índios disponibiliza o material de pesquisa deste caderno para sala de aula: www.comin.org.org

Instituto Socioambiental disponibiliza informações atualizadas sobre povos indígenas do Brasil: www.socioambiental.org

Conselho Indigenista Missionário disponibiliza informações atualizadas e posicionamentos frente à política indigenista do governo: www.cimi.org.br

Disponibilizam informações sobre o povo Xokleng, entre outros:

1. Fundação Regional de Blumenau (FURB): www.furb.br
2. Universidade Federal de Santa Catarina: www.ufsc.br

Pesquisando na web “(Indígenas) Xokleng” há aproximadamente 550 referências e “Laklanõ” aproximadamente 20 referências ao povo Laklanõ/Xokleng.

VÍDEOS (CONFIRA NAS LOCADORAS)

- Brincando nos Campos do Senhor, de Hector Babenco, EUA, 1991, 187 min. - Condor Vídeo
- A Missão, de Roland Joffé - ING, 1986, 121 min. - Distr. Flashstar.
- Dança com Lobos, de Kevin Kostner - EUA, 1990, 128 min. - Abril Vídeo/Hollywood.
- Laklanon (Povo do Sol) Sobrevive – Resgate da Cultura Xokleng - Org. Prof. Nãmlá Gaklã. Disponível para empréstimo no COMIN.

LIVROS

Nosso Idioma Reviveu – Namlá Grakan (Org.) – Impressora Mayer Ltda. – Pomerode/SC, 1999.

Índios e Brancos no Sul do Brasil – A dramática experiência dos Xokleng – Silvio Coelho dos Santos – Movimento, Porto Alegre/RS, 1987.

Os Índios Xokleng – Memória Visual - Silvio Coelho dos Santos – Editora UFSC e Univale, 1997.
Esta terra tinha dono – B. Prezias e E. Hoornaert – CEHILA POPULAR CIMI – FTD - S.Paulo/SP, 3ª ed., 1992.

A temática indígena na escola – Novos Subsídios para professores de 1º e 2º Graus – A. Lopes da Silva e Luís D.B. Grupioni - MEC, MARI e UNESCO, Brasília/DF, 1995.

A Terra dos Mil Povos – História Indígena do Brasil contada por um índio Jecupé, Kaká Werá - Fundação Petrópolis, S. Paulo/SP, 1998.

Práticas Pedagógicas na Escola Indígena – Aracy Lopes da Silva, Mariana Kawall Leal Ferreira (Org.) – São Paulo: Global, 2001.



Comin: Conselho de Missão entre Índios - Caixa Postal 14
CEP 93001-970 - São Leopoldo/RS - Tel./fax: (51) 590-1440
E-mail: comin@est.com.br / www.comin.org.org

Departamento de Catequese: Caixa Postal 14 - CEP 93001-970 - São Leopoldo/RS
Tel.: 51-5924491 - E-mail: depcat@uol.com.br

Departamento Nacional para Assuntos da Juventude: Cx. P. 191 - CEP 930001-970 - São Leopoldo/RS
Tel.: (51)5914295 - E-mail: dnaj@uol.com.br / www.juventude.ieclb.org.br

